

Associação ajuda pacientes com leucemia

Um dos fatores que contribuíram para a cura de 75 por cento dos casos de leucemia no Hospital de Base foi a criação da Abrace. A Associação Brasileira de Assistência às



Lúcia Rosa

Famílias de Crianças Portadoras de Hemopatia (Abrace) é uma entidade formada por um grupo de voluntários que busca ajudar as crianças e adolescentes portadores de câncer quando saem do hospital. Segundo a presidente Lúcia Rosa Gomes Dutra, "quando termina o tratamento ambulatorial e a criança vai para casa, aí é que começam os problemas.

De acordo com a pediatra Ísis Magalhães, a Abrace é o "braço direito" para as crianças que finalizam o tratamento no hospital. "Hoje as crianças não abandonam mais o tratamento, graças à ajuda da Abrace" Lúcia Dutra destacou que os pacientes carentes têm muita dificuldade para continuar o tratamento médico, "e é nesse momento que a Abrace entra com seu trabalho, contribuindo para a redução do índice de abandono do tratamento".

Para a pediatra, depois da criação da Abrace, em 1986, é que foi possível contornar as dificuldades da instituição pública. "Na hora em que o hospital começou a ver os resultados do grupo é que deram o apoio a Abrace", lembra Ísis. A associação ajuda as crianças carentes com câncer na compra de medicamentos, alimentação para as famílias e apoio psicológico. "A quimioterapia é muito

forte. A criança tem que estar com a cabeça preparada", diz Lúcia.

A Abrace sobrevive de ajudas de empresários, de promoções feitas pela associação e de eventuais subvenções repassadas pelo Conselho Brasileiro para a Infância. Ela funciona em uma sala no ambulatorio cedida pelo HBDF. Como recebe muitas crianças de outros estados —, que segundo Lúcia o número já chega a 40 por cento, a Abrace espera do GDF a liberação do terreno em Águas Claras. Observou ainda que "o tratamento é longo e as crianças que vêm para cá não têm onde ficar".

Esperança — A mãe Elivanete Maciel Sá Rodrigues está confiante de que seu filho vai ficar bom. Pedro Henrique está com três anos e, há apenas dois meses, descobriu que tem um tumor no abdômem. Ele está na terceira sessão de quimioterapia. "Já notei melhora. Quando colocava a mão na barriga dele, sentia um caroço, hoje não sinto mais", conta Elivanete.

A mãe da menina Thaísa, de dois anos, Evani Arruda Pontes também está otimista. A criança tem leucemia e começou o tratamento de quimioterapia há quatro meses.